



GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO *LATO SENSU*
**FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
INTERDISCIPLINARES**

MARIA IZETE PIRES SILVA

**AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS E O PROCESSO DE
HUMANIZAÇÃO NA 8ª SÉRIE EJA DA ESCOLA ESTADUAL DE
ENSINO FUNDAMENTAL SIMEÃO LEAL**

ITAPORANGA – PB

2014

MARIA IZETE PIRES SILVA

**AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS E O PROCESSO DE
HUMANIZAÇÃO NA 8ª SÉRIE EJA DA ESCOLA ESTADUAL DE
ENSINO FUNDAMENTAL SIMEÃO LEAL**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Especialização *LATO SENSU* em FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES.

Orientador: Prof. MS.. Alberto Edvanildo Sobreira Coura

ITAPORANGA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586r Silva, Maria Izete Pires

As Relações Interpessoais e o Processo de Humanização na 8ª Série EJA da Escola Estadual de Ensino Fundamental Simeão Leal [manuscrito] : / Maria Izete Pires Silva. - 2014.
30 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Prof. Ms. Alberto Edvanildo Sobreira Coura, Departamento de Educação".

1. Educação. 2. Relações Interpessoais. 3. Concepção de Estudantil. 4. Ensino da EJA. I. Título.

21. ed. CDD 370

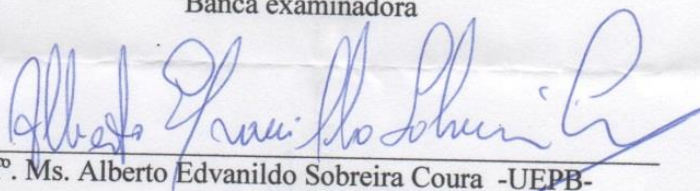
MARIA IZETE PIRES SILVA

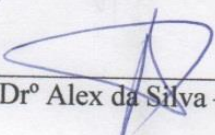
**AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS E O PROCESSO DE
HUMANIZAÇÃO NA 8ª SÉRIE DA ESCOLA
ESTADUAL SIMEÃO LEÃO**

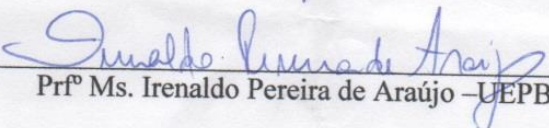
Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba em parceria com a Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, como um dos pré-requisitos para obtenção de grau de *especialista* em Educação.

Aprovado em 14 / Junho / 2014

Banca examinadora


Prof.º Ms. Alberto Edvanildo Sobreira Coura -UEPB-


Prof.º Dr.º Alex da Silva -UEPB-


Prof.º Ms. Irenaldo Pereira de Araújo -UEPB-

Dedico este trabalho a meus pais José Sobrinho e Alaíde Carolina Primo Pires (in memoriam) por ter investido em minha educação mesmo sendo semianalfabetos. Ao meu esposo Francisco de Assis Alves da Silva e minhas filhas Iema Flora Pires Silva e Ianca Maria Pires Silva pelo apoio e compreensão nos momentos de solidão e abandono. Ao meu Deus que me deu forças, saúde e discernimento nas horas difíceis em que pensava em desistir. Ao meu orientador pela paciência e direcionamento em todo trabalho de pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Deus que é meu Pai, meu amigo, meu protetor, meu orientador, sem ele nada teria sido possível.

Ao meu esposo Francisco de Assis, exemplo de paciência e amor maior.

Às minhas filhas Iema e Ianca, meus grandes tesouros que sempre me incentivaram.

Ao meu orientador Alberto Coura, grande mestre, sem ele não teria terminado este trabalho.

Aos meus colegas de curso que compartilharam e venceram os obstáculos para a realização desse sonho.

Aos professores do curso, grandes mestres e incentivadores por tornar possível a realização de mais um trabalho.

À minha escola EEEF. Simeão Leal, aos meus alunos e colegas de trabalho por tamanha grandeza e simplicidade na realização deste trabalho. Muito Obrigada.

A juventude mundial está perdendo a capacidade de sonhar. Os jovens têm muitos desejos, mas poucos sonhos. Desejos não resistem às dificuldades da vida, sonhos são projetos de vida, sobrevivem do caos.

Augusto Cury

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo principal apresentar uma proposta de que é possível mudar esse contexto que está aí de que a “educação é para todos” e que bem sabemos na prática isso não acontece, tudo está interligado, tudo é muito complexo, pois a prática e a teoria estão desafinadas, separadas. Se eu não cuida do ser humano hoje é sinal que vamos ter problemas pela frente, afinal, estamos interligados pela internet que é “rede”, não adianta cuidar de si apenas, mas de todos para que possamos ter um mundo diferente e melhor. É preciso que todos juntos cuidem de todos, e essa é a grande tarefa da educação e da escola, mostrar para as novas gerações que é possível viver bem, ser feliz, sonhar e realizar seus sonhos. O presente trabalho foi realizado com os estudantes da 8ª série EJA do município de Itaporanga PB na EEEF. Simeão Leal. A fundamentação teórica baseou-se em teóricos como Paulo Freire (2013), Augusto Cury (2004), dentre outros. A pesquisa foi aplicada com 30 alunos da turma acima citada, a metodologia utilizada foi descritiva e exploratória, em que foram realizados saraus de leitura com esses estudantes envolvendo fragmentos de Paulo Freire. Esses saraus foram realizados em Agosto, setembro e outubro, obtivemos como resultados satisfatórios já ao compararmos com outras turmas que não tinham vivenciado o estudo e a pesquisa, percebíamos logo a diferença eram apáticos, tristes, revoltados até. Dessa forma, concluímos que quando apresentamos propostas ou possibilidades de zelarmos e cuidarmos do ser humano através de uma educação que cuida das relações interpessoais, está projetando um futuro melhor para todos. Optamos assim por avançar respeitando as diferenças uns dos outros.

Palavras-chave: Educação para todos. Relações Interpessoais. Concepção de Estudantes. Ensino da EJA

ABSTRACT

This work aimed to make a proposal that is possible to change this context that there is that "education is for everyone" and we know that in practice this does not happen, everything is connected, everything is very complex, because the practice and theory are detuned separated. If I do not take care of human today is a sign that we'll be trouble ahead, after all, are interconnected through the Internet that is "networ" does not help take care of themselves only, but for all that we have a different and better world. We need to take care of everyone all together, and this is the great task of education and schools, show that new generations can live well, be happy, dream and realize their dreams. This study was conducted with students EJA 8th grade municipality Itaporanga PB in ESE. Simeon Leal. The theoretical framework was based on Paulo Freire (2013), Augusto Cury (2004), among others. The survey was carried out with 30 students of the aforementioned class, the methodology used was descriptive and exploratory, in which reading soirees were held with these students involving fragments of Paulo Freire. These soirees were held in August, September and October, as satisfactory results already obtained to compare with other classes who had not experienced the study and research, we noticed immediately the difference were apathetic, sad, angry even. Thus, we conclude that when present proposals or possibilities zelarmos and take care of the human being through education that takes care of interpersonal relationships, we are projecting a better future for all. So we chose to advance respecting the differences of others.

Keywords: Education for all. Interpersonal Relations. Design Students. Teaching EJA

LISTA DE SIGLAS

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais.

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

EJA – Educação de Jovens e Adultos.

MEC – Ministério da Educação e Cultura.

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. HUMANIZAÇÃO: UMA DISCUSSÃO TEÓRICA.....	12
2.1. Afinal o que é humanização?.....	12
2.2. A Humanização de Paulo Freire.....	16
3. O DISCENTE E O ESPAÇO ESCOLAR NA EJA.....	16
4. RESULTADO E ANÁLISE DE DADOS.....	21
4.1 Características da instituição escolar observada.....	21
4.2 A modalidade EJA nesta escola.....	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
6. REFERÊNCIAS.....	27
7. ANEXOS.....	28
7.1. ANEXO I: PRODUÇÃO TEXTUAL.....	28
7.2. ANEXO II: QUESTIONÁRIO.....	29

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma alerta reflexiva da educação para os jovens e adultos abordando as relações interpessoais e a humanização, já que sabemos que o atual modelo ofertado para esses jovens que estão à margem da sociedade por falta de oportunidades ou por sentirem desmotivados para os estudos é considerado falho em virtude de sentirem meio que a margem da sociedade atual. Temos consciência de que se não fizermos alguma coisa para mudar, se não educarmos para criar condições novas e diferentes, nós não vamos progredir e chegaremos então a um colapso geral e cairemos numa grande crise social.

Essa proposta caracteriza-se como importante estudo, pois vai de encontro ao pensamento de Freire que acreditava que a educação podia transformar realidades, devendo ser acessível a todos, pois só através da conscientização e da humanização é que o ser humano constrói sua cidadania, valorizando e respeitando a cultura de cada um. Diante dessa concepção Freireana em desconstruir valores ultrapassados e construir novos valores, fazendo uma revolução dentro de nós educadores, professores para sairmos ao encontro do outro, inspirando e não apenas repassando conteúdos, pois um povo, uma sociedade não sobreviverá sem valores. É preciso semear valores significativos como o afeto, a compreensão, o diálogo, o perdão e o amor. É preciso resgatar em cada aluno a sua capacidade de sonhar, de ter esperanças na construção de uma sociedade mais humana.

Fazer com que eles sejam conhecedores de si mesmos de forma que tenham assim o conhecimento sentido para eles. Segundo Gadotti (2014, p. 18),

O conhecimento é uma construção social e não mera “aquisição”, “assimilação” de algo preexistente ao sujeito que conhece. Não se trata de “transportar” o conhecimento de quem sabe para quem não sabe. Na educação de adultos é preciso harmonizar e interconectar o formal e não formal.

Paulo Freire é o teórico do processo de humanização que dá bases ao trabalho com a EJA, pois sem a sua contribuição não há avanços, pois precisamos de valores éticos, morais e de sujeitos autônomos, livres, porque ensinar exige competência, profissionalismo e acima de tudo compromisso com a construção de uma nova realidade.

O processo de humanização na escola: se faz necessário dentro da EJA da Escola Estadual de Ensino Fundamental Simeão Leal reconhecendo a contribuição de Paulo Freire nessa modalidade de ensino, contribuição essa que perpassa a história da educação paraibana, bem como no mundo todo e que chega para a nossa escola no processo de fortalecimento das relações consigo mesmo e com os outros na modalidade jovens e adultos através de atividades diversas.

Diante do compromisso e enquanto educadora, resolveu-se elaborar esta pesquisa, visando transformar, informar, e apresentar uma nova proposta a sociedade a cerca das concepções freireanas, utilizando também elementos da produção do intelectual Augusto Cury, na busca de uma reflexão sobre o trabalho do EJA na realidade local.

Dessa forma, as ações educativas em sala de aula com base no conhecimento dos alunos e a real participação nas atividades proporcionarão novas descobertas que fortalecerão sua aprendizagem e assim, evidencia-se também a importância da escola como agente capaz de gerar possibilidades de construção da cidadania.

Finalmente, este trabalho está organizado em três momentos significantes, no primeiro discutiu-se teoricamente o conceito de humanização, em um segundo procuramos compreender o discente do EJA no espaço escolar e por fim discutiu-se também análise de dados de uma realidade específica na cidade de Itaporanga.

2. CAPÍTULO I - HUMANIZAÇÃO: UMA DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1. Afinal o que é humanização?

“Ato ou efeito de tornar-se humano, sociável, polido, tratável” (BECHARA, 2011, p. 675)

Não se pode encarar a educação a não ser como algo que saia de dentro para fora. Querendo fazer, transformar, acontecer. Ela ocorre no tempo e no espaço, entre os homens, uns com os outros. Dessa forma não podemos enxergar a educação desassociada da humanização, pois uma não existe uma sem a outra, é ela, a humanização que dá condição de lutarmos por sociedades mais justas. Quando, porém, falo da ética universal do ser humano estou falando da ética enquanto marca da natureza humana, enquanto algo absolutamente indispensável a convivência humana. (FREIRE, 1996, p. 19).

É preciso formar o ser humano para a convivência pacífica para não ter que puni-los, especialmente nas escolas onde funcionam a EJA. Educação de jovens e adultos, onde os estudantes já perderam a motivação, anos de atraso e discriminação. Marcas que carregam pela vida a fora a margem da sociedade que oprime e que o limita. Devemos compreender de modo dialético a relação entre a educação sistemática e a mudança social, a transformação política da sociedade. O problema da educação está profundamente enraizado nas condições terríveis em que se transformou o mundo e a sociedade moderna.

Como entender que o ser humano perdeu a sensibilidade, perdeu o sentido da vida, o amor pela pessoa humana, o respeito até por si próprio.

As leis criadas devem se tornar em prática social para que possamos desenvolver todas as nossas potencialidades dentro da história de humanidade. Essa visão abrirá janelas de esperanças, utopia e sonhos que motivará a vivermos um mundo melhor.

Para entender o processo de humanização se faz necessário um “olhar” urgente de compreensão e de revolução em mim mesmo para que o outro sinta que também precisa de mudança. Não podemos e não devemos tratar os nossos alunos ou as pessoas como “coisas”, provocá-los na sua inteligência que é a arte dos desafios. Como diz Cury (2004, p. 35).

Desejo humanizar minhas filhas, levá-las a compreender que cada ser humano possui uma história fascinante, independente dos seus erros, acertos, vitórias

e derrotas. Almejo que elas respeitem a vida e percebam a complexidade da personalidade.

Humanizar-se para não se tornar cruel, fora de contexto social que não permite a figura do professor, reaprendendo a arte de viver bem em comunidade. A escola de jovens e adultos precisa ter Gadotti (2014, p. 17) como referencial, quando ele diz

É preciso respeitar o aluno adulto, utilizando-se uma metodologia apropriada, que resgate a importância da sua biografia, da sua história de vida. Os jovens e adultos alfabetizados já foram desrespeitados uma vez quando tiveram seu direito à Educação negado. Não podem, ao retornar seu processo educacional, ser humilhados, mais uma vez, por uma metodologia que lhes nega o direito de afirmação de sua identidade, de seu saber, de sua cultura.

Uma educação de qualidade, conscientizadora e libertadora é o sonho de todos que militam na educação de jovens e adultos e daqueles que retornam as atividades escolares após seus 15 anos ou após interrupção dos estudos por vivência de fracasso escolar. (FREIRE, 2013)

Humanização na escola da EJA significa mais que tocar o coração e a mente daqueles jovens, significa tocar a alma e libertá-la. A humanização implica que o ser humano se evolua, evoluindo aumenta as possibilidades de integrar-se ao meio em que vive, interagindo mais, comunicando mais. É importante repensar na humanização das escolas EJA até mesmo como construção da cidadania, é na relação interativa que podemos ser agentes transformadores e multiplicadores.

Para acontecer a humanização é preciso de mais professores-educadores, que não estejam preocupados apenas em ser professores de instituições, mas que estejam na luta por um ideal, o de fazer renascer dentro de cada conhecimento de si mesmo e do outro com o objetivo de tornar as relações mais estreitas entre as pessoas.

Ser professor na atualidade é um grande desafio, pois envolvem além de paciência, coragem e amor, conforme Freire (1996), Ser professor exige querer bem aos educandos. Para isso, é necessário que tenhamos em nossas mentes e em nossos corações a certeza de que só conhecendo bem nosso aluno como um todo, adentrando ao seu coração conseguiremos aprender e ensinar, mas principalmente a conviver de forma plena com eles. Apesar do grande avanço tecnológico nas ciências, nos ajudando muito nas pesquisas, na busca de conhecimentos,

estamos muito distantes do outro, não respeitamos as suas condições emocionais, não estamos construindo relacionamentos sólidos, confiáveis, o outro está a milhares de distância de nós, navegando no virtual, solitário, fechado no seu mundo, sem o contato físico, olho no olho, longe do abraço que une, que cura e que ajuda a diminuir a intolerância nas relações interpessoais. O ser humano não nasceu para viver isolado, mas para está em comunidade, construindo valores essenciais à vida, tais como a escuta, sentimentos de solidariedade, respeito, e etc.

Na escola não é diferente, nossos alunos trazem muita bagagem na sua diversidade cultural, no entanto, estão vazios da convivência harmoniosa. Não é diferente também com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), pois o aluno sente-se muitas vezes fora do seu contexto. São anos de distanciamento dos estudos onde perderam a autoestima e a fé em si mesmo. Cabe a nós professores, gestores proporcionar-lhes um ensino voltado para acolhê-los na sua totalidade, oferecendo não só conteúdo, mas afeto, carinho, compreensão de forma a envolvê-los no processo, fazendo sentirem parte dele, capazes de transformarem a si mesmo e aos outros. Como afirma Freire (1996, p. 52) que

É preciso insistir este saber necessário ao professor que ensinar não é transferir conhecimento não apenas precisa de ser aprendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa de ser constantemente testemunhado, vivido.

Se não impregná-los de amor, jamais poderão tocá-los emocionalmente para que estejam abertos ao aprendizado. Prova disso é que colegas professores muitas vezes muito bem preparados em sua área de conhecimento específico, não conseguem atingir seus objetivos e ficam desanimados com os resultados porque estão muito distantes de marcar o coração de seus alunos não se estabeleceu uma relação harmônica e respeitosa, pois o que fica mesmo registrado nas nossas memórias são as relações que estabelecemos com nossos alunos. O sorriso acalma, a sutileza no trato de determinados assuntos, a escuta, a acolhida, somos todos muito carentes nessa área, no passado tínhamos vergonha do toque, do abraço, do beijo. Fomos criando paredes que separa ao invés de pontes que une, que liga um ao outro.

Dessa forma percebe-se que o ato educativo acontece de forma positiva, crescendo em todas as áreas quando estamos dispostos a ir à busca do encontro e não do desencontro. É nesse aspecto que precisamos investir, pois o ser humano está cheio de conflitos e os leva para seu ambiente escolar. Segundo Freire (1996, p. 52-53)

Como professor num curso de formação docente não posso esgotar minha prática, discursando sobre a teoria da não extensão do conhecimento. Não posso apenas falar bonito sobre as razões ontológicas, epistemológicas e políticas. O meu discurso sobre a teoria deve ser o exemplo concreto, prático, da teoria. Sua encarnação. Ao falar da construção do conhecimento, criticando a sua extensão, já devo estar envolvido nela, e nela a construção, estar envolvendo os alunos.

Nesse processo, passamos então a ser conduzidos pelo sonho de transformar pessoas compreendendo que a integração acontece quando nos deixamos conhecer e amar o outro respeitando a sua essência humana e primeira que é viver e conviver. Há uma necessidade e uma exigência em nossa profissão a de sermos sonhadores.

De acordo com um relatório da UNESCO de 1999, são quatro os pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver. Então, já está mais do que na hora de colocarmos em prática, sabendo que é desafiador, mas se faz urgente e necessário para melhorarmos como pessoas humanas e para podermos lecionar com a dignidade de seres humanos, é a eficácia e a coerência com que falamos e como vivemos, se não contradizemos o nosso testemunho, nossa fala e nossa prática. Em relação a isso, Freire (1996, p. 53) afirma

Fora disso, me emaranho na rede das contradições em que meu testemunho, inautêntico, perde a eficácia. Me torno tão falso quanto quem pretende estimular o clima democrático na escola por meios e caminhos autoritários, tão fingido quanto quem diz combater o racismo, mas perguntado se conhece Madalena, diz: conheço-a. é negra, mas é competente e decente.

É nosso dever tratar a todos sem nenhuma distinção, é nosso dever fazer cumprir a leitura verdadeira, aquela que eleva, que motiva, que orienta, que desperta, que os fazem caminhar, aquela que proporcionará bem está porque saiu de bocas, mentes e corações que sabem o verdadeiro sentido do ensinar. “Amar é um ato de coragem” diz Paulo Freire e de que amor ele fala aquele que independe da genética, para que assim, o ser humano possa superar a sociedade coloca através dos preconceitos que segregam os diferentes e também os iguais. Afinal, é preciso educá-los para a vida, o ensino de jovens e adultos passa por uma transformação com a experiência de Paulo Freire (1963) porque ensina, humaniza, reconhece e respeita a diversidade, nos mostrando que mudar é possível dentro de uma pedagogia voltada

para a ética com responsabilidade dando atenção a cada aluno como ser humano que necessita ser redescoberto para participar do projeto de vida humana com a conduta de abertura e não de fechamento. Fala-se tanto em justiça social e esquece que o ser humano está inserido no mundo e que precisa ser autônomos, respeitando o espaço do outro e dividindo responsabilidades com o bem comum, o estado, a comunidade, país, o mundo.

Se conseguir fazer as pessoas sonharem novamente e acreditarem em seus sonhos haverá educação de qualidade, pois o ser humano será livre para sorrir, livre para poder buscar o seu lugar ao sol e livres para sonhar. Augusto Cury (2004, p. 111) afirma que

Os sonhos precisam de persistência e coragem para serem realizados. Nós os regamos com nossos erros, fragilidades e dificuldades. Quando lutamos por eles, nem sempre as pessoas que nos rodeiam nos apoiam e nos compreendem. Às vezes somos obrigados a tomar atitudes solitárias, tendo como companheiros apenas nossos próprios sonhos.

A humanização na escola traz grandes benefícios para a sociedade. Nesse sentido, gera um aumento de valorização de pequenas coisas, de gestos humanitários capazes de reduzir o número de violência, de bullying, de drogas, de divisões. É nova chance dada ao mundo através da escola, salvando as famílias, os jovens aqueles que estiverem dispostos a acreditarem numa cura para a humanidade retratada e manifestada pelo amor ao próximo como força capaz de mudar o curso de história. A proposta é o caminho para a felicidade alcançada através da escola que tem o poder de dialogar exercitando a palavra dia a dia.

2.2. A Humanização de Paulo Freire

Paulo Freire revelou-se um dos maiores educadores do mundo, especialmente para a educação de jovens e adultos. Ele não crê apenas numa educação libertadora, ele cria condições para isso. A experiência de alfabetização tinha como intuito alfabetizar aproximadamente 400 cortadores de cana de açúcar em 40 horas.

Na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte, durante os processos de implantação de turmas de alfabetização de jovens e adultos, fez nascerem os círculos de cultura, que eram mais do que espaço para a leitura das palavras. Era o lugar de ler o mundo, onde a conscientização do sujeito e a busca pela igualdade eram o principal conteúdo aprendido. As

palavras geradoras lidas no cotidiano compunham o repertório cultural daquelas pessoas em casas, igrejas e ruas conquistavam o direito de ler e escrever.

Freire destacou a importância do diálogo, caracterizando-o como uma atitude de amor, humildade e capacidade de ter fé nas pessoas, no poder e criação e recriação do ser humano. Freire (2013, p. 17) afirma que a educação deve ser acessível a todos. A educação é despertar a consciência crítica, a construção e a reconstrução da realidade em que estão inseridas. Tudo o que deixou em seus escritos e suas ações foram a pensar o ato pedagógico. Traçava o educador como um animador cultural que, ao reconhecer a realidade de seus alunos e de sua comunidade, promove a ação cultural e a educação como um grande encontro de saberes. Até hoje, o reconhecimento e a influência das ideias deste educador perpassam as teorias educacionais e as práticas diárias em salas de aula de todos os cantos, ele continua sendo um educador que está ao lado daqueles comprometidos com uma educação plena de princípios que promovam a igualdade no respeito à diversidade.

Ele se foi em 1997 deixando a utopia, a esperança, o sonho de uma educação libertadora que se faz e se renova cotidianamente por todos nós. No fundo, o desejo de Freire com relação ao pensamento entre educador e educando e entre todos que representam uma comunidade escolar é a de que é preciso reinventar o ser humano no aprendizado de sua autonomia. Freire (1996, p. 105) discorre que No fundo o essencial nas relações entre educador e educando entre autoridades e liberdades entre pais e mães, filhos e filhas e a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia.

3. CAPÍTULO II - O DISCENTE E O ESPAÇO ESCOLAR NA EJA

A escola de jovens e adultos assim como na maioria das escolas, tem se tornado um espaço de desconforto, enfadonho, gerando a indisciplina. Os conflitos interpessoais, a falta de escuta impede o diálogo e aí se perde a oportunidade de conhecer o outro de compartilhar suas angústias, suas ansiedades, seus sofrimentos, seus erros e acertos. Então, o espaço escolar torna-se chato, a aula não os tocam. Nas escolas não se ensina a ouvir e a compreender e o aluno quando chega a esse ambiente já está carregado de conflitos incompreendidos pela família e pela sociedade, sentem-se perdidos, alheios aquele ambiente que não consegue tocar suas mentes, seus corações, suas almas. Antes de qualquer conteúdo, o aluno espera que o professor o escute e que também fale, mas que acima de tudo compreenda para que assim a aula de

verdade aconteça, havendo assim, uma troca de experiências, não um derramamento de conteúdos que eles nem sabem se vão usá-los em suas vidas. É preciso repensar essa prática retrógrada, contraditória, desconectada da realidade em que vivem.

Todo ser humano necessita de colo, carinho. Infelizmente o espaço escolar ainda tá distante dessa realidade que eles sonham e desejam. Tudo o que o discente almeja é encontrar no professor o amigo, o companheiro. E no espaço escolar sua casa, seu lar.

Mesmo num mundo globalizado, com as novas tecnologias de informação e comunicação, o ser humano jamais poderá deixar de ser o que é “gente”, “pessoa” e como tal precisamos um dos outros. A escola é um espaço para adquirir, produzir e compartilhar conhecimentos, em que o discente possa usar livremente esse ambiente. Que o espaço escolar nos ensine a resgatar tudo o que ficou perdido, que nos ensine a abrir mão de velhos valores para nos apropriar de novos. Mas que também compreenda e nos ajude a contar suas próprias histórias e nos libertar para a questão do outro que está bem do nosso lado.

Para o discente a escola é um lugar desmotivador, com baixa autoestima, o significado do conteúdo e da disciplina varia de acordo com as metas e os objetivos de vida de cada um. Caso não se perceba a utilidade, o interesse e o esforço tendem a diminuir a medida que o aluno se pergunta que serventia tem aquilo que o professor lhe ensina. Daí colocar problemas e interrogações, desperta a curiosidade dos alunos, mostrando a relevância que pode ter para os mesmos a realização da tarefa é essencial. Mas tudo isso é imprescindível que o professor conheça o aluno e a sua história de vida, assim próximo dele sabendo seus interesses e sonhos, as aulas poderão ser mais atrativas e atender as necessidades e aos interesses deles, pois o que eles estão precisando é de motivação, de acolhimento e de compreensão, tendo em vista que a atividade acadêmica se realiza de forma coletiva e em u contexto social. O elemento falta de motivação é um dos agravantes para o insucesso do ser humano em geral, afinal, a escola precisa sobreviver a um mundo saturado de informação. E também porque sabemos que há muito tempo a família passou a responsabilidade de educar os filhos para a escola, o que é impossível, pois cabe à mesma o papel de ensinar. Família e escola são dois pilares dos construtores da humanidade, porém, com papéis distintos, com missões também distintas, objetivando uma parceria de formação integral capaz de superar os grandes desafios desse mundo contemporâneo. Falta hoje criar e fortalecer laços entre a família e o espaço escolar, falta criar um ambiente favorável ao aprendizado com a família e com a escola, pois elas estão intrinsicamente atrelados. Falta-lhes estímulo, falta-lhes valorização e especialmente falta-lhes

um grau de estima constante pelos estudos gerador de um aprendizado saudável. Entretanto, sentimos que a escola e a família ainda estão dissociadas, o que compromete muito a educação nos dias de hoje. No livro de Provérbios, capítulo 16, versículo 16, está escrito “Adquirir a sabedoria vale mais que o ouro; antes adquirir a inteligência que a prata”. Os discentes sentem-se hoje aprisionados por um sistema que não lhes ensina o verdadeiro sentido da vida, eles estão sentindo a escola, se encaminhando para o fracasso, assistem a tudo friamente, insensíveis e nós os professores que muitas vezes não somos educadores não lhes mostramos a força que a escola tem.

O discente sabe que ensinar é aprender, muitos dos docentes ainda não têm essa consciência. Na minha experiência de sala de aula com meus alunos da EJA, o que a diferença é o tempo que tiramos para resgatar o amor, afetuosidade, a amizade, o reconhecimento, a gratidão, o que nos faz entender que somos dependentes um dos outros, devolvendo-nos a nossa própria imagem, refazendo a nossa história. Na atualidade é comum sentirmos que existem muitos obstáculos em nossas relações com os outros e isso tem se transferido também para as escolas. O uso da internet, do telefone tem ocupado lugar de destaque na vida desses jovens e os relacionamentos cotidianos são solitários, imagine para um jovem aluno que vem a escola e não encontra esse espaço. Somos feitos de ligações, é preciso se permitir habitar no mundo do outro, no universo do outro. Acho que nesses 29 anos de vivência em sala de aula, o que mais me fascina é que com os meus alunos, me redescubro como pessoa e eles também se redescobrem, se transformam, se relacionam e escolhem o que querem ser nesta vida. Começamos sempre pelo caminho de volta, com a história para assim, podermos avançar no aprendizado infinitamente humano. Afinal, o que somos e o que queremos ser é o que realmente nos conduz a busca, ao conhecimento, a pesquisa, ao encontro. As relações interpessoais a meu ver é causa de grande evasão escolar e é um dos problemas que mais tem afetado a educação brasileira e mais precisamente a educação de jovens e adultos

A escola não atrativa, autoritária, com professores despreparados ou desmotivados leva o discente ao desinteresse, o que faço na EJA não é nada de novo, eu apenas crio neles a oportunidade de se conhecerem e se reconhecerem no outro. É uma questão de aprender o caminho para a convivência humana e não apenas para a vivência humana, somente na relação com o outro que se faz a transformação, não se trata de ensinar a se relacionar, é caminhar pela via da experiência.

O discente precisa de acolhimento, de cuidados, de respeito, precisa aprender a fala de si, de suas experiências, infelizmente não é o que vem acontecendo na prática docente, é só uma questão de mudar a dinâmica sem desautorizar o docente. É troca, é parceria, é liberdade com limites. A educação de jovens e adultos deve ser vista de forma a elevá-los, não a retardá-los.

O aluno da EJA é um aluno com um diferencial, ele é cheio de expectativas, de curiosidade, alegra-se com pouco, é de uma pureza e de uma inocência inenarrável, falo com emoção dos meus alunos, pois os vejo com um olhar de mãe, por isso, a minha luta é para vê-los num ambiente que os faça felizes. A sala de aula é para o aluno do ensino regular considerada um espaço enfadonho, já para os da EJA é um espaço em que se redescobrem, se autoconhecem, se gostam, se amam e assim fica mais fácil desenvolver suas potencialidades, suas criatividades interligadas a sua afetividade. Para Freire (1996, p. 23)

Não há docência sem discência. Ensinar exige que adentremos a linguagem do discente, a inquietude dele, a sua curiosidade, a sua identidade, assim haverá uma cumplicidade da docência e da discência.

A sala de aula é ainda o melhor ambiente para as relações interpessoais, pois proporciona a essencialidade do contato humano. Os nossos alunos chegam à escola com muitas construções cognitivas, mas muitas vezes com dificuldades de convivência harmoniosa, cansados e desanimados.

Cabe ao professor envolvê-los com dinâmicas relacionais para que estejam emocionalmente abertos para a aprendizagem. É sabido que o ser humano vive relações conturbadas diversas no seu dia a dia e as leva para o ambiente da escola e da sala de aula. É preciso que entendamos que a educação se dá num processo em que haja valorização do ser humano como um todo, isso passa a ter sentido quando transformamos a escola num espaço de realização, de encontro consigo mesma, de descobertas, de formação.

É preciso mudar esse quadro de nossa educação. Hoje a grande razão pela qual os alunos deixam a escola é porque a escola é muito chata, considerada por eles um espaço enfadonho, não tem nada a ver com os problemas concretos que as crianças e os adolescentes

vivem. Estamos vivendo num mundo cheio de problemas e para os quais não temos resposta alguma.

Há uma necessidade urgente, um desafio gritante humanizar a escola e torná-la um espaço acolhedor muito além das demandas de ensino aprendizagem e de outras competências, precisamos semear esperança de forma avassaladora com simplicidade porque não podemos acostumar com o que está aí e simplesmente aceitar essa crueldade. Sozinhos não conseguiremos mudar essa situação, o desafio é manter a disciplina, autonomia e responsabilidade, é preciso nortear caminhos e conduzir ao resgate da humanização, dentro de uma perspectiva humanista, a disciplina, a autonomia, a responsabilidade é um quarteto essencial para a mudança professor-aluno-família-escola.

4. RESULTADO E ANÁLISE DE DADOS

4.1. Características da instituição escolar observada

A escola pública que possibilitou a realização desse trabalho foi a Escola estadual de Ensino Fundamental Simeão Leal, localizada na cidade de Itaporanga – PB, fundada em 1º de Abril de 1937, com o nome Grupo Escolar Dom Vital.

Após 12 anos, mais especificamente no dia 25 de janeiro de 1949 pelo decreto nº 143, em homenagem ao ilustre paraibano sobrinho do escritor José Américo, deu-se o nome de Simeão Leal.

A escola possui uma área de $1.157.80 m^2$, tendo $1.149.60 m^2$ de área coberta, sendo 8 salas de aula, seis de tamanho regular e duas pequenas, 2 salas para administração, 1 cozinha, 1 depósito para merenda escolar, 2 depósitos para material de consumo, 2 banheiros (masculinos e femininos) com três e quatro divisões, sala de professores com banheiro e conjunto e também 1 área para recreação.

Esta instituição de ensino público atende atualmente 425 estudantes distribuídos nas seguintes modalidades de ensino: Ensino Fundamental do 5º ao 9º ano, nos turnos manhã e tarde, e a Educação de Jovens e adultos (EJA) à noite com o IV ciclo.

A escola desenvolveu no ano 2013 alguns projetos voltados para o meio ambiente e alguns voltados para a área Ética e Cidadania, bem como Leitura e Escrita e ainda o projeto enfatizando a Cultura Freireana na Educação de Jovens e Adultos no estado da Paraíba e projetos voltados também para a Prevenção do Álcool e das Drogas.

A escola por ser bem no centro da cidade atende as clientelas de algumas comunidades rurais e urbanas.

4.2.A modalidade EJA nesta escola

Esta escola pública oferece a modalidade de Ensino Regular e EJA. Iniciou-se nesta modalidade desde o movimento de Brasil Alfabetizado – MOBREAL, ocorrido no ano de 1970, vindo depois a integração de jovens e adultos e em seguida a modalidade de ensino EJA.

A EJA começou a funcionar nesta escola a partir do ano de 2005. A demanda se deu pela necessidade dos alunos estudarem em horários que não fossem comprometer seu trabalho, nem a prática diária de suas donas de casa.

A escola possui hoje 104 alunos matriculados na EJA, preparando e formando cidadãos para o futuro.

Para obtermos os dados que constam neste trabalho, seguimos os procedimentos da metodologia, aplicando questionários na turma da 8ª EJA da EEEF. Simeão Leal, na cidade de Itaporanga. Após a pesquisa, os dados obtidos, que são os resultados, seguem-se a partir da Fundamentação Teórica, ou seja, do pensamento dos pesquisadores em relação a esta pesquisa.

Os questionários foram ao todo 30 e os resultados estão apresentados em contexto, dando destaque aos pontos negativos, levantados a partir do maior número de respostas dos alunos.

Uma das perguntas do questionário foi “O que você tem feito para superar sua impaciência, ansiedade, irritabilidade?”. Em relação a essa pergunta, quase todos os alunos responderam que na maioria das vezes essas emoções sempre vêm à tona e por não procurarem controlar as mesmas, as consequências são desastrosas.

De acordo com Cury (2004, p. 117)

Nos primeiros trinta segundos de tensão cometemos os maiores erros de nossas vidas. Ferimos quem mais amamos. Muitos cometem suicídio, homicídios, atos violentos nesse período. A melhor resposta quando estamos tensos é não dar resposta. É fazer a oração dos sábios: silêncio. É pensar antes de agir.

Em relação à melhoria de vida e no relacionamento com os outros que foi a 3ª pergunta do questionário, todos responderam que, apesar de tentar viver bem consigo e com o seu próximo, não conseguem um bom êxito, já que o ser humano em si está sempre em conflito consigo mesmo e com o outro.

Augusto Cury (2004, p. 116) nos aconselha que nas relações pessoais e interpessoais se faça necessário que

Dois anos em que os alunos ficam enfileirados na sala de aula registram milhares de imagens que produzem traumas psíquicos que podem se perpetuar por toda a existência. Essas imagens geram bloqueio intelectual, estabelecem uma hierarquia entre os alunos, produzem timidez, insegurança e dificuldade de debater as ideias em público. Milhões de pessoas no mundo têm traumas produzidos pelas escolas.

A pergunta 6 traz a seguinte questão “Você sofre algum tipo de preconceito na sua sala de aula?”. Quase todos os alunos foram unânimes nas suas repostas ao afirmarem que apesar da escola trabalhar com projetos e conscientizações em relação à temática, ainda assim, as pessoas são preconceituosas, principalmente em relação às dificuldades de letramento e na questão da idade avançada, o que traz certo desconforto para o ambiente da sala de aula. De acordo com Cury (2004, p. 117)

A educação moderna é produtora de doenças relacionais. Os alunos deveriam sentar-se em semicírculo ou em “U” para serem debatedores de ideias e não frágeis espectadores passivos [...] A memória se abre por janelas que são territórios de leitura, e é o estado emocional que determina o grau de abertura dessas janelas. Se a emoção estiver tensa, ela fecha as janelas e bloqueia a racionalidade, levando o ser humano a reagir por instinto, como animal, se a emoção estiver serena e tranquila, abrem-se as janelas da memória e expande-se a arte de pensar.

É aí que entra a intervenção do professor que para superar isso, precisa estar preparado, buscando soluções para acabar com esse preconceito e criar um clima de interação entre alunos/alunos, alunos/professores e aprendizagem.

Em resposta a pergunta “Qual a sua atitude diante de alguma situação desfavorável a sua vida?” Pode-se perceber que a falta de letramento é um grande obstáculo, já que diante de uma sociedade letrada, para os que não estão neste patamar, os obstáculos são maiores, tanto pela falta de conhecimento em relação aos direitos humanos, como também pela falta de interação com as pessoas de níveis elevados de leitura. Em relação a isso, Freire (1996, p. 90) discorre que

Como educador preciso de ir “lendo” cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalham fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo “leitura do mundo” que precede sempre a “leitura da palavra”.

Toda pesquisa serviu como um despertar de consciência crítica a todos aqueles jovens que têm hoje em Paulo Freire, um referencial para o ensino da EJA, levando-os a uma reflexão sobre a humanização e as relações interpessoais nessa modalidade, tornando-os sujeitos do processo educativo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de observações escritas e da socialização com os demais professores, analisando a participação dos alunos no desenvolvimento das ações em sala de aula, concluímos que o nosso país não está cuidando da profissão professor, basta ver pelos nossos contracheques no final de cada mês, mas não é só isso, falta a inclusão do professor antes mesmo da digital. O professor precisaria entender para querer transformar, toda mudança para o aluno passa primeiramente pela cabeça, pelas mãos e pelo coração do professor. Colocar a poesia na cabeça do professor, do aluno, dos seres humanos. Falta preparar bem os professores, formá-los antes em Pedagogia e depois em outros cursos de área específica. Somos seres da esperança, se matam os nossos sonhos, não teremos motivação, nem vida.

Este trabalho teve como objetivo principal mostrar que é possível ensinar e aprender de forma prazerosa e não como se fosse um peso, que as escolas públicas, especialmente a que trabalho a Escola Estadual de Ensino Fundamental Simeão Leal teve a oportunidade de vivenciar um projeto de humanização onde pode inseri-los numa qualidade de vida que vise construir conceitos básicos tendo como base as relações interpessoais.

O primeiro ponto a ser constatado foi a Fundamentação Teórica, onde pode-se abordar alguns estudiosos como Paulo Freire, Augusto Cury, dentre outros, respeitando a lei do autor da vida “Amem-se uns aos outros”.

Tendo como base esse referencial teórico, podemos dizer que o ensino da EJA assim como outras modalidades de ensino deve estimular, resgatar e promover a construção da cidadania. Devem acima de tudo respeitar a pessoa humana, despertar o pensamento crítico, fortalecendo os laços de amizade, de parceria, e amor, de solidariedade e fraternidade, numa sociedade marcada pela angústia, pelo medo, pelas doenças psicossomáticas, depressões e pela desigualdade social.

Desse modo, pela experiência obtida observou-se que esses alunos especialmente os da EJA são mais felizes, sabem reivindicar seus direitos e sabem quais são os seus deveres, embora os avanços nessa modalidade ainda sejam pequenos.

Vale então ressaltar que foi gratificante esse trabalho, pois foram várias reflexões feitas de forma prazerosa e de troca de experiências. Através desse trabalho, temos a

oportunidade de rever alguns antigos conceitos que põem em risco o que de mais belo há dentro de cada um de nós. O coração, sem ele, um coração cheio de bondade, jamais alcançaremos a cura de uma sociedade que caminha para o caos. É preciso civilizar o humano.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo C. **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras: Língua Portuguesa/** Evanildo Bechara (organizador). – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

CURY, Augusto Jorge. **Nunca desista de seus sonhos/** Augusto Cury. 8ª ed. – Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

FREIRE, Paulo. **Papel da Educação na humanização.** Palestra realizada numa conferência verificada em Maio de 1967, em Santiago, sob o patrocínio da OEA, do governo do Chile e da Universidade do Chile. Publicado in: FREIRE, Paulo. Uma educação para a liberdade. 4a ed. Textos Marginais 8, Porto: Dinalivro, 1974, p. 7-21.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa /** Paulo Freire. 15. ed.-- São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

GADOTTI, Moacir. **Por uma Política Nacional de Educação Popular de Jovens e Adultos/** Moacir Gadotti. – 1. Ed. – São Paulo: Moderna: Fundação Santillana, 2014.

7. ANEXOS

7.1. ANEXO I: PRODUÇÃO TEXTUAL

A escola que sonhamos,

Deve ser a que me conhece pelo nome

A que resgata a cidadania,

Dando-me oportunidades,

Uma escola que cria e que recria,

Uma escola que ensina e que reeduque,

Que me conquiste,

Primeiramente o meu coração

Depois a minha consciência.

A escola que sonhamos

Não pode ser qualquer uma

Precisa ter identidade,

Liberdade e esperança.

Assim transformará meus sonhos em pura realidade.

A escola que sonhamos

É participativa

Tem tempo para apreciar a natureza,

Para cultivar a amizade,

Para resgatar a família

E especialmente é uma escola que tem tempo para o ser humano,

Tem tempo para viver.

(Alunos da 8ª série EJA da EEEF. Simeão Leal)

7.2.ANEXO II: QUESTIONÁRIO

- 1) O que você tem feito para ser uma pessoa mais alegre, segura, serena?
- 2) O que você tem feito para superar sua impaciência, ansiedade, irritabilidade?
- 3) Como jovem o que tem feito para melhorar a sua vida e o seu relacionamento com os outros?
- 4) A solidariedade e a tolerância são fundamentos das relações sociais. E na sua sala de aula você se relaciona bem com seus colegas?
- 5) Você gosta de ouvir e respeitar o outro?
- 6) Você sofre algum tipo de preconceito na sua sala de aula?
- 7) Qual a sua atitude diante de alguma situação desfavorável a sua vida?